



OS BEBÉS DA ÁGUA

© 2015, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título original: *The Water Babies — A Fairy Tale for a Land-Baby*
Publicado originalmente em 1863

Título: *Os Bebés da Água — Conto de Fadas para Um Bebé Terreno*
Autor: Charles Kingsley
Ilustrações: W. Heath Robinson
Tradução: Júlio Henriques
Revisão: Tinta-da-china
Capa e composição: Tinta-da-china (P. Serpa)

1.ª edição: Maio de 2015
ISBN 978-989-671-259-4
Depósito Legal n.º 390645/15

CHARLES KINGSLEY

OS BEBÉS DA ÁGUA

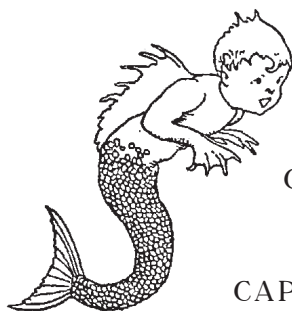
CONTO DE FADAS PARA UM BEBÉ TERRENO



ILUSTRAÇÕES DE W. HEATH ROBINSON
TRADUÇÃO DE JÚLIO HENRIQUES

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXV

ÍNDICE



CAPÍTULO PRIMEIRO • 13

CAPÍTULO SEGUNDO • 53

CAPÍTULO TERCEIRO • 93

CAPÍTULO QUARTO • 131

CAPÍTULO QUINTO • 183

CAPÍTULO SEXTO • 219

CAPÍTULO SÉTIMO • 249

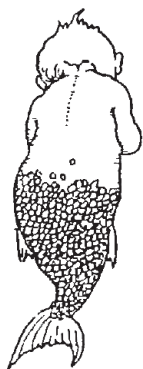
CAPÍTULO OITAVO E ÚLTIMO • 291

MORAL • 347

NOTAS BIOGRÁFICAS • 351







*Em afectuosa memória de Michael Trayler,
fundador das Edições Wordsworth*

CAPÍTULO PRIMEIRO

*Mil notas mescladas escutei,
Quando num bosque, recostado, me sentei
Na doce disposição em que ideias amáveis
À mente trazem ideias deploráveis.*

*A Natureza às suas belas obras reunia
A alma humana que por mim percorria;
E muito pesava o meu coração pensar
No que o homem causara ao seu par.*

WORDSWORTH



ERA UMA VEZ UM pequeno limpa-chaminés que se chamava Tom. É um nome curto e já antes o ouviste, por isso não será difícil lembrá-lo. Vivia numa grande cidade da Província do Norte*, onde havia muitas chaminés para limpar, muito dinheiro para o Tom ganhar e para o patrão dele gastar. Não sabia ler nem escrever,

* *North Country*, no original. Designação que abarca uma extensa região cultural da Inglaterra. Situa-se aproximadamente entre Birmingham e a Escócia. Foi na parte central desta área que se desenvolveu a revolução industrial, com o seu cortejo de misérias laborais, entre as quais o recurso maciço ao trabalho infantil. (N. do t.)

nem de tais coisas cuidava; tão-pouco se lavava, pois no beco onde morava não havia água. Ninguém o ensinou a rezar. Nunca ouvira falar de Deus nem de Cristo, a não ser por palavras que tu nunca ouviste e que melhor seria ele nunca ter ouvido. Passava metade do tempo a chorar e a outra metade a rir. Chorava quando tinha de subir pelos escuros buracos das chaminés, fazendo roçar por eles acima os seus já esfolados joelhos e cotovelos; quando a fuligem lhe entrava nos olhos, o que acontecia todos os dias da semana; quando o patrão lhe batia, o que acontecia todos os dias da semana; e quando sentia fome, o que também acontecia todos os dias da semana. E ria-se na outra metade do dia, quando com os outros rapazes lançava ao ar moedas de meio dinheiro, quando saltava ao eixo por cima dos pilares ou quando atirava pedras às pernas dos cavalos, ao vê-los passar, sendo este último um belo divertimento desde que houvesse à mão um muro para se esconder. No que dizia respeito a limpar chaminés, a ter fome e



QUANDO SALTAVA
AO EIXO POR CIMA
DOS PILARES

a ser espancado, eram para ele coisas naturais, como a chuva, a neve e a trovoadas, que enfrentava corajosamente até cessarem, como fazia o seu velho burro ante uma saraiada, virando-lhe as costas; finda a tormenta, Tom sacudia a cabeça e ficava tão alegre como antes. E pensava então nos belos tempos futuros, quando fosse um homem, um patrão limpa-chaminés, e se

sentasse no bar empunhando o seu quartilho de cerveja e um cachimbo comprido, e jogasse às cartas a bom dinheiro, e vestisse calças de belbutina e calçasse botas, e tivesse uma buldogue branca de orelha cinzenta e levasse no bolso os filhotes dela, como um homem. E teria aprendizes, um, dois ou três, se pudesse. E pensava em como havia de meter-lhes medo e maltratá-los, como o patrão fazia com ele; e como os faria carregar para casa os sacos de fuligem, avançando ele adiante montado no burro, de cachimbo na boca e flor na lapela, como um rei à frente do seu exército. Sim senhor, vinham aí belos tempos. E quando o patrão lhe deixou dar uma golada no resto da cerveja, Tom mostrou-se o rapaz mais alegre da cidade.

Um dia, um moço de estrebaria todo galante chegou ao beco onde Tom vivia, estava ele já escondido atrás de uma parede a agarrar num bocado de tijolo para o atirar às pernas do cavalo, como é costume fazer-se nesta região quando aparecem estranhos. Mas o moço viu-o e chamou por ele, para saber onde morava o senhor Grimes, o limpa-chaminés. Como o senhor Grimes era o patrão de Tom, e este, bem-educado com os clientes, sabia como lidar com tais assuntos, pôs no chão o bocado de tijolo e predispôs-se a tratar da encomenda.

O senhor Grimes ficava incumbido de ir na manhã seguinte ao Solar de Sir John Harthover, porque o velho limpa-chaminés da casa fora preso e as chaminés precisavam de ser limpas. E desandou, sem dar tempo a Tom de lhe perguntar por que motivo fora preso o limpa-chaminés, assunto que muito lhe interessava, por já ter

sido preso uma vez ou duas. Além disso, o moço tinha um aspecto tão limpo e asseado, com os seus calções, as polainas e a jaqueta castanhos-claros, a sua gravata imaculadamente branca com um elegante alfinete, e o seu rosto liso, rosado e redondo, que Tom se sentiu ofendido e indignado com o aspecto dele, considerando-o um emproado que se dava ares por usar roupas finas pagas por alguém; ainda foi atrás da parede à procura do bocado de tijolo, mas acabou por não o lançar, lembrando-se de que o moço viera tratar de um dever e em missão de paz.

O patrão de Tom ficou tão alegre ao saber do novo cliente que o atirou de imediato ao chão, e bebeu nessa noite mais cerveja do que costumava beber em duas, para ter a certeza de se levantar a horas na manhã seguinte. Porque quanto mais dói a cabeça a um homem ao acordar, mais vontade tem de sair da cama e apanhar ar fresco. E quando de facto se levantou às quatro da madrugada, na manhã seguinte, voltou a deitar Tom ao chão com pancada, para lhe ensinar (como costumavam ser ensinados os jovens cavalheiros nos colégios privados) que naquele dia ele tinha de ser ainda melhor do que já era, porque iam a uma grande casa e poderiam daí obter bons proveitos se conseguissem causar boa impressão.

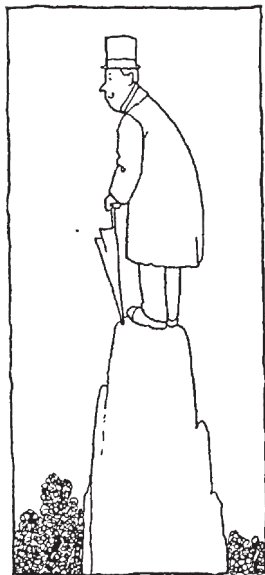
Tom pensava a mesma coisa, e ter-se-ia comportado da melhor maneira sem ser preciso apanhar pancada. Porque entre todos os solares que há no mundo, o Solar de Harthover (que ele nunca vira) era o mais esplêndido, e entre todos os homens que há no mundo, Sir John

(que já vira, por ele o ter mandado prender duas vezes) era o mais terrível.

Harthover era realmente um grande solar, mesmo para a rica Província do Norte, com um edifício tão grande que nos motins dos destruidores de máquinas*, de que Tom mal se podia lembrar, o Duque de Wellington e dez mil soldados e canhões a condizer ali foram facilmente alojados; pelo menos, segundo Tom julgava. Com um parque cheio de veados, que ele pensava serem monstros habituados a comer crianças. Com quilómetros de reservas de caça, onde o senhor Grimes e a malta dos carvoeiros às vezes caçavam à socapa, ocasiões em que Tom avistava faisões e imaginava que gosto teriam. Com um nobre rio de salmões, onde o senhor Grimes e os seus amigalhaços bem teriam gostado de pescar sem ninguém ver; mas para tal teriam de meter-se na água fria, coisa de que não gostavam nada. Em suma, Harthover era um sítio grandioso e Sir John um importante ancião que até o senhor Grimes respeitava. Pois não só podia mandar prender este Grimes, se o merecesse, como isso acontecia uma ou duas vezes por semana. Não só era dono e senhor de todas as terras em redor, abarcando quilómetros de distância; não só era um jovial, honesto e sensível fidalgo, como tinha sempre ao dispor uma matilha de canzarrões que

* Alusão aos luditas (1811-1817), vasto movimento de trabalhadores que no início da Revolução Industrial se opôs em Inglaterra à mecanização do trabalho, recorrendo à destruição de teares e outros maquinismos e ao incêndio de instalações fabris. Para lhe pôr cobro, a monarquia britânica mobilizou um grande exército durante anos e instituiu leis marciais. (N. do t.)

levavam os vizinhos a fazer o que ele pensava ser justo, bem como a obter para si mesmo o que pensava ser correcto. Além disso, pesava noventa e cinco quilos bem pesados, tinha uns consideráveis centímetros de tórax e seria capaz de derrotar o próprio senhor Grimes numa luta leal, coisa que muito poucos homens das redondezas podiam fazer, e coisa, meu caro leitor, que não lhe caberia a ele fazer, pois muitas coisas não correspondem àquilo que cada qual pode fazer e gostaria de fazer. Por isso, o senhor Grimes tirava-lhe o chapéu quando ele passava na cidade e chamava-lhe «sô comendador» e às



OUTRAS, PORQUE DESEJAM
SUBIR AOS ALPES

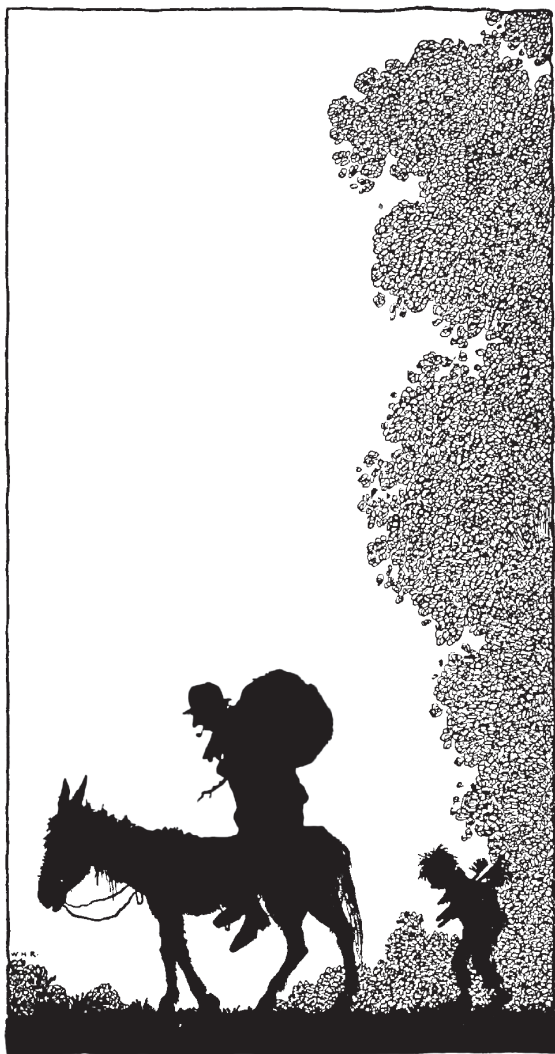
filhas «excelentes meninas», dois elevados cumprimentos na Província do Norte, pensando que isso compensava a caça furtiva que fazia aos faisões de Sir John. Já pode o meu jovem leitor entender que o senhor Grimes não tinha frequentado nenhuma escola pública nacional devidamente inspeccionada.

Atrevo-me porém a dizer que ninguém se levanta às três da madrugada em pleno Verão. Há pessoas que se levantam a essa hora por quererem ir apanhar salmões; outras, porque desejam subir aos Alpes; e muitíssimas

outras porque são obrigadas, como Tom. Mas garanto que as três da manhã em pleno Verão é o momento mais agradável das vinte e quatro horas do dia e dos trezentos e sessenta e cinco dias do ano inteiro. Por que motivo ninguém se levanta a essa hora, não sei dizer, a não ser que estão todos decididos a dar cabo dos nervos e do organismo fazendo toda a noite o que deveriam fazer todo o dia. Mas Tom, em vez de ir jantar às oito e meia da noite, de ir a um baile às dez e de acabar a festança algures entre a meia-noite e as quatro da manhã, deitava-se às sete, quando o patrão ia para a cervejaria, e dormia como uma pedra; razão pela qual estava espevitado como um galo de luta (que acorda sempre cedo para despertar as criadas) e pronto a levantar-se às horas em que os refinados cavalheiros e damas se dispõem finalmente a ir para a cama.

E assim saíram ambos, ele mais o patrão; Grimes à frente, montado no burro, e Tom atrás, a pé, de escovas às costas. Saíram do beco, meteram rua acima, passaram pelas portadas das janelas bem fechadas, pelos polícias pestanejando de cansaço, pelos telhados de brilho pardo na madrugada cinzenta.

Atravessaram a aldeia dos mineiros, cerrada e silenciosa, e depois as portas de acesso. E viram-se por fim no campo, avançando penosamente pela estrada sombria e poeirenta, por entre escuras paredes de escória, ouvindo apenas o gemido e as batidas da máquina de escavação na mina mais próxima. Mas logo a estrada se tornou branca, bem como as paredes, em cuja base cresciam ervas altas e flores alegres, encharcadas de



E LÁ FORAM ANDANDO

orvalho; e em vez do gemido da máquina escavadora, ouviram a cotovia entoando matinas, bem alto no ar, e o papa-arroz cantando nos carriços, como já tinha cantado durante toda a noite.

O resto era silêncio. Porque a velha Senhora Terra ainda estava ferrada no sono e, como acontece a muito boa gente, parecia mais bonita a dormir do que acordada. Os grandes ulmeiros, nos prados verde-dourados, estavam ferrados no sono lá no alto, e debaixo deles as vacas também estavam ferradas no sono. Mais: as poucas nuvens que havia em redor estavam igualmente ferradas no sono, e tão cansadas que se tinham deitado na terra a descansar, em longos flocos brancos e em listas debruadas, por entre os troncos dos ulmeiros e ao longo da copa dos amieiros, junto ao ribeiro, à espera que o Sol as mandasse erguer para irem tratar da lida do dia, no claro azul, no alto do céu.

E lá foram andando. Tom olhava sem cessar para tudo aquilo, porque nunca antes estivera tão longe da cidade, em pleno campo. E já ansiava por passar o portão do Solar, por apanhar ranúnculos, por ir à cata de ninhos pelas sebes; mas o senhor Grimes era um homem prático e não queria ouvir falar de tais coisas.

A breve trecho, cruzaram-se com uma pobre irlandesa, que penosamente ia caminhando com uma trouxa às costas. Um xaile cinzento cobria-lhe a cabeça e envergava uma blusa carmesim; por isso podemos estar certos de que era de Galway. Não tinha sapatos nem meias e coxeava como se estivesse cansada e com os pés doridos. Mas era uma mulher alta e graciosa, de brilhantes



CAMINHANDO COM UMA TROUXA ÀS COSTAS

olhos cinzentos e espessa cabeleira negra que lhe pendia sobre as faces. E o senhor Grimes sentiu por ela um tal capricho, que quando a alcançou, lhe disse assim:

— É uma estrada bem dura para pés delicados como os seus. Quer montar atrás de mim?

Mas talvez ela não tenha apreciado o ar e a voz dele, porque, serenamente, lhe respondeu:

— Não, obrigada; vou caminhar ao lado aqui do seu rapazinho.

— Faça como quiser — resmoneou Grimes, e seguiu fumando.

E ela lá foi andando ao lado de Tom, falando com ele, perguntando-lhe onde vivia, o que sabia, e muitas coisas mais a seu respeito, de tal maneira que ele pensou que nunca tinha encontrado uma mulher de falas tão afáveis. Por fim perguntou-lhe se costumava rezar, parecendo ficar triste quando ele lhe respondeu que não sabia rezas nenhuma.

Então Tom perguntou-lhe onde vivia, dizendo ela que era de longe, de perto do mar. E perguntou-lhe também pelo mar. E a mulher contou-lhe como o mar enrolava e bramia sobre os rochedos nas noites de Inverno, e como ficava calmo nos luminosos dias de Verão, para as crianças se banharem e nele brincarem. E muitas mais histórias, de tal maneira que Tom ansiou por ir ver o mar e banhar-se nele.

Por fim, no sopé de uma colina, chegaram a uma nascente; não como estas que vemos por aqui, que brotam da areia grossa do lodaçal, no meio de papa-moscas vermelhos, de urze cor-de-rosa e orquídeas brancas

perfumadas; nem das que também podemos ver por aqui, que borbulham sob os quentes bancos de areia na viela escavada, ao pé de um grande maciço de fetos, e na parte de baixo fazem a areia dançar num turbilhão, de dia e de noite, o ano inteiro. Não era nenhuma nascente como essas, mas uma verdadeira fonte de calcário da Província do Norte, como as da Sicília ou da Grécia, onde os antigos pagãos imaginavam as ninfas sentadas, refrescando-se nos dias quentes do Estio, com os pastores a espreitá-las escondidos nas moitas. De uma funda gruta rochosa, no sopé de um penhasco de calcário, a grande fonte brotava, mitigando, borbulhando, gorgolejando, tão clara que não se podia dizer onde acabava a água e começava o ar; e dali corria por debaixo da estrada um ribeiro volumoso o bastante para fazer mover uma azenha; por entre o gerânio azul, o trólio dourado, a framboeseira silvestre e a cerejeira com suas borlas de neve.

E ali Grimes parou, e pôs-se a olhar. E Tom olhou também, a si mesmo perguntando se naquela gruta escura viveria alguma coisa que à noite esvoaçava por aqueles prados. Mas Grimes não sentiu curiosidade nenhuma. Sem uma palavra, desmontou do burro, passou por cima do muro baixo da estrada e ajoelhou-se, mergulhando a sua feia cabeça na água da fonte — que bem suja ficou.

Tom pôs-se a apanhar flores tão depressa quanto pôde. A irlandesa ajudou-o, mostrando-lhe como se atavam, ambos fazendo assim um lindo ramo de flores. Mas ao ver que o patrão se estava mesmo a lavar, deteve-se, surpreendido. E quando o homem acabou de se lavar

e começou a abanar as orelhas, para enxugá-las, admirou-se:

— Ora, mestre, nunca antes o vi fazer tal coisa.

— E o mais certo é não voltares a ver. Não o fiz pra limpezas, foi pela fresquidão. Seria uma vergonha querer lavar-me todas as semanas, como qualquer enfarruscado rapazola do ofício.

— Eu bem gostava de mergulhar a cabeça na fonte — pediu o pobre Tom. — Deve ser tão bom como pô-la debaixo da bomba de água da cidade; e aqui não há nenhum bedel para nos pôr a andar.

—Vamos mas é embora! — ordenou Grimes. — Que é isso de te queres lavar? Tu não bebeste meio galão de cerveja a noite passada, como eu.

— Não quero saber do que você diz — rompeu Tom, desobediente, correndo para o regato e pondo-se logo a lavar a cara.

Grimes estava muito carrancudo, porque a mulher preferia a companhia de Tom à dele. Por isso, correu para o rapazinho com palavras atrozés, agarrou-o pelos joelhos e começou a desancá-lo. Mas Tom, habituado àquilo, conseguiu proteger a cabeça entre as pernas do patrão, dando-lhe pontapés nas canelas com quanta força tinha.

— Não tens vergonha na cara, Thomas Grimes? — bradou a irlandesa, do outro lado do muro.

Grimes olhou para cima, surpreendido por ela lhe conhecer o nome; mas limitou-se a responder:



AJOELHOU-SE,
MERGULHANDO A SUA
FEIA CABEÇA NA ÁGUA DA
FONTE

O AUTOR

Charles Kingsley nasceu em 1819, numa pequena aldeia de Devon, em Inglaterra. Foi padre anglicano, professor universitário, historiador e romancista. Filho de um sacerdote anglicano, leccionou no King's College de Londres e na Universidade de Cambridge, onde posteriormente foi professor de História. Na década de 50, aderiu ao Movimento Socialista Cristão, em luta por melhores condições de vida da classe trabalhadora. Aceitou as teses evolucionistas de Darwin, de quem era amigo, não vendo qualquer contradição entre religião e ciência, ao contrário da maior parte dos clérigos da época. Em 1869, abandonou a carreira universitária para se tornar cónego da Catedral de Chester e, depois, da Abadia de Westminster. Morreu em 1875, vítima de pneumonia. Das 28 obras que publicou, destacam-se, para além de *Os Bebés da Água*, *Hypatia*, *Westward Ho!* e *Hereward the Wake* (romances históricos); *Yeast* e *Alton Locke* (ficção de intervenção social); e *The Heroes* (adaptação da mitologia grega para crianças).

O ILUSTRADOR

William Heath Robinson nasceu em 1872, em Inglaterra. Cartoonista e ilustrador bem conhecido no seu tempo, notabilizou-se pelos desenhos de máquinas rocambolescas e inverosímeis e pelas ilustrações humorísticas. A sua participação no meio editorial decaiu drasticamente depois da Primeira Guerra Mundial, uma vez que deixou de haver mercado para livros com ilustrações sumptuosas. Depois disto, e até ao fim da sua carreira, imprimiu sempre um incomparável cunho de humor em revistas e em publicidade, respondendo ocasionalmente a encomendas de ilustrações de livros. Morreu a 13 de Setembro de 1944.



ESTA EDIÇÃO DE

OS BEBÊS DA ÁGUA

FOI COMPOSTA EM CARACTERES HOEFLER TEXT
E WINDSOR, IMPRESSA NA RAINHO & NEVES,
ARTES GRÁFICAS, EM PAPEL CORAL BOOK DE
80 GRAMAS, EM MAIO DE 2015.